



PARA UMA CORRETA COMPREENSÃO DO HOMEM, COMPOSTO DE CORPO, ALMA E ESPÍRITO

(For a correct understanding of man as composed of body, soul and spirit)

Renato Arnellas Coelho

Mestre em Teologia pela PUC/SP

E-mail: renatoac83@gmail.com

RESUMO

O autor analisa a questão da composição do homem em três, corpo, alma e espírito, tendo como referência as próprias Escrituras, bem como a teologia posterior e o Magistério. Através da explicação de como entender corretamente essa visão do homem, bem como a visão bipartida, do homem composto apenas de corpo e alma, evita-se, assim, as possíveis confusões geradas por uma má compreensão de ambas as visões.

Palavras-chave: Homem; Corpo; Alma; Espírito; Tripartido.

ABSTRACT

The author analyzes the question about man's composition of three parts, body, soul and spirit, based on the Scriptures as well as on the theology developed afterwards and on the Magisterium. Through the explanation about how to understand correctly this way of viewing man, as well as the bipartite way, of man as only composed of body and soul, one can avoid confusions created by a wrong comprehension of each one of these both views.

Keywords: Man; Body; Soul; Spirit; Tripartite.

INTRODUÇÃO

Em alguns lugares se fala que o homem é composto apenas de corpo e alma, em outros, que ele é composto de corpo, alma e espírito. O primeiro modo é conhecido como visão bipartida ou dualista do homem e, o outro modo, como antropologia tripartida. Afinal, qual dessas duas visões descreve melhor o homem?

A Igreja, ao tratar da questão, aceita ambas as visões, contanto que sejam bem compreendidas para evitar possíveis erros, tanto em relação ao homem, como em relação ao próprio homem-Deus, Jesus Cristo.

Em primeiro lugar, será vista brevemente a passagem que dá origem à visão tripartida do homem na epístola de Paulo, para logo em seguida se verificar como ela foi entendida por um teólogo que segue a visão bipartida do homem, como é o caso de Tomás de Aquino, e um teólogo que professa a visão tripartida, Henri de Lubac.



No final, ver-se-á qual o posicionamento do Magistério da Igreja relativo ao tema e o que se pode aprender dessa questão que pode servir de modelo emblemático de como uma questão teológica deve ser tratada com cuidado para ser utilizada com proveito e não criar divisões ou confusões desnecessárias que desservem à própria teologia e à Igreja. Para tanto, serão considerados também os problemas que devem ser evitados por uma compreensão equivocada dessas duas visões, definindo os limites a serem respeitados.

1. A VISÃO TRIPARTIDA NO APÓSTOLO PAULO

A questão de o homem ser composto de corpo, alma e espírito remonta à passagem escriturística de 1Ts 5,23: “O Deus da paz vos conceda santidade perfeita; e que o vosso ser inteiro, o espírito, a alma e o corpo sejam guardados de modo irrepreensível para o dia da Vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”¹. Como em muitas outras passagens da Bíblia, ela foi interpretada de diversos modos por diversos leitores.

Paulo, contudo, como outros autores das Escrituras, escreve com o intuito de transmitir a mensagem da salvação obtida em Jesus Cristo aos seus leitores e ouvintes. Seu vocabulário busca expressar o conteúdo daquilo que se deve crer e fazer para obter tal salvação sem, todavia, utilizar um vocabulário em sentido científico, nem filosófico. A passagem de 1Ts 5,23 não deve ser entendida como um ponto final sobre a questão de como o homem realmente é, nem lida com um rigor próprio aos termos filosóficos, mas sim entendida em seu contexto como será visto nos comentários feitos pelos teólogos nos séculos posteriores.

Pode-se ler em outra passagem escriturística os termos *espírito* e *alma* usados sem rigor filosófico em Lc 1,46 no *Magnificat* de Maria: “Maria, então, disse: Minha alma engrandece o Senhor, e meu espírito exulta em Deus em meu Salvador”. Aqui ambos são utilizados em sentido poético, empregando o paralelismo sinônimo que, conforme consta no dicionário do Antigo Testamento de Longman e Enns, pode ser descrito como:

[o paralelismo sinônimo] Ocorre quando linhas poéticas repetem “o mesmo sentimento... em termos diferentes, mas equivalentes” (Lowth 1839, 205). O salmo 24 (23),1 possui um excelente exemplo: “De Iahweh é a terra e o que nela existe, o mundo e seus habitantes;”. As duas linhas ecoam a mesma ideia: tudo no mundo pertence a Deus. Elas o fazem através de elementos paralelos: a “terra” corresponde ao “mundo”; “o que nela existe” corresponde a “seus habitantes”.²

O dicionário de palavras do Antigo e Novo Testamento de Vine, no verbete “Corpo”, faz um breve comentário à passagem de 1Ts 5,23 dizendo que: “*Soma*, corpo, e *pneuma*, espírito, podem ser separados; *pneuma* e *psyche* só podem ser distinguidos”³. Poder ser separado im-

¹ Todas as citações da Bíblia, diretas ou em citações feitas em obras de outros idiomas, são tiradas da Bíblia de Jerusalém.

² LONGMAN III, T.; ENNS, P. *Dictionary of the Old Testament: Wisdom, Poetry and Writings*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2008, p. 503. Tradução nossa.

³ VINE, W. E. *Diccionario expositivo de palabras del antiguo y nuevo testamento exhaustivo de Vine*. Traduzido por Guillermo Cook, S. Escuin e Editorial CLIE. Nashville: Grupo Nelson, 2007, p. 223. Tradução nossa.



plica serem dois elementos constitutivos distintos da essência humana (o elemento material e o elemento espiritual), enquanto que poder ser distinguido, refere-se a uma simples distinção entre potências ou qualidades de um mesmo elemento constitutivo do ser humano, no caso, o elemento espiritual.

Já nos primeiros séculos, Irineu de Lião interpreta *pneuma* como sendo o Espírito de Deus habitando no homem que está em estado de graça, não sendo algo presente em todos os homens invariavelmente. Na sua obra *Contra as Heresias*, Irineu interpreta Paulo ao dizer que “o homem perfeito é composição e união da alma que recebe o Espírito do Pai e está unida à carne”⁴ e continua a explicar que:

quando, porém, este Espírito mistura-se com a alma e se une à obra modelada, pela efusão deste Espírito, realiza-se o homem espiritual e perfeito, e é este mesmo que foi feito à imagem e semelhança de Deus. Se, porém, falta o Espírito à alma, este homem será verdadeiramente psíquico e carnal, mas imperfeito, porque possuiria a imagem de Deus enquanto criatura modelada, mas não teria recebido a semelhança por meio do Espírito.⁵

Pode-se notar, *en passant*, que Irineu interpreta aqui também o Gênesis quanto ao significado do homem ter sido criado à imagem e semelhança de Deus (Cf. Gn 1,26). A imagem de Deus corresponde ao homem puro e simples, isto é, corpo e alma, enquanto que a semelhança é adquirida quando o homem se une ao Espírito (Deus) pela graça santificante, sendo então corpo, alma e espírito.

Todavia, a má compreensão das palavras de Paulo e a defesa de uma visão do homem como composto de três elementos constitutivos distintos possibilitou o surgimento de visões sobre o homem e sobre Jesus Cristo conflitantes com os ensinamentos do Magistério da Igreja, como foi o caso do apolinarismo.

Apolinário de Laodiceia (310-390), autor do apolinarismo, ao falar de Cristo, negava a existência de um espírito humano em Cristo, porque, na sua óptica, via como incompatível a presença do Verbo Divino, santo e santificador, junto a um espírito humano responsável e livre, que possuiria, assim, a fonte do pecado.⁶ Ele interpreta de modo particular os termos *espírito* e *alma* de 1Ts 5,23, pois Cristo teria apenas o *corpo* e a *alma* humanos, mas não o *espírito*, o qual seria substituído pelo Verbo Divino que desempenharia as suas funções. Cristo, sem o espírito humano, responsável e livre, estaria livre da fonte dos pecados e das tentações. Sesboüé, ao tratar de Apolinário, explica que, segundo esse pensamento, seria impossível dois seres intelectuais e voluntários coabitarem, uma vez que poderiam se opor um ao outro. Tal posição rendeu a Apolinário censuras do bispo de Roma e também do I Concílio de Constantinopla, em 381.⁷

⁴ IRINEU DE LIÃO. *Contra as Heresias*. Tradução de Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 1995, p. 530.

⁵ Ibidem.

⁶ Cf. SESBOÜÉ, B. (org.); WOLINSKI, J. *Historia de los dogmas. Tomo I (El Dios de la Salvación)*. Traduzido por Alfonso Ortiz García. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1995, p. 282.

⁷ Cf. Ibidem, p. 281.



Afastando-se de uma leitura tripartida estrita do homem, encontra-se João Damasceno (675-749), que em seu livro *Uma Exposição Exata da Fé Ortodoxa* diz: “já que a natureza do homem tem duas partes, que consiste em corpo e alma, a purificação que Ele [Cristo] nos deu também é dupla, através da água e do Espírito”⁸. Todavia, a leitura bipartida do homem, assim como a tripartida, também possui seus perigos. Se acaso ela for entendida sob o viés de uma oposição entre corpo e alma, em que o corpo é visto como mau (pois é composto de matéria) e a alma está como que aprisionada no corpo do qual deve se libertar, então também incorre-se na condenação feita aos gnósticos dos primeiros séculos da Igreja.⁹

2. TOMÁS DE AQUINO E A VISÃO BIPARTIDA DO HOMEM

O teólogo Tomás de Aquino (1225-1274), em suas diversas obras, trata da natureza humana sob a visão bipartida. No seu comentário à I Epístola aos Tessalonicenses, Tomás de Aquino discorre sobre os termos *alma* e *espírito* usados por Paulo do seguinte modo:

À ocasião dessas palavras [corpo, alma e espírito], alguns disseram que no homem uma coisa é o espírito e outra a alma, colocando no homem duas almas, uma que anima [dá vida], outra que raciocina. Tal visão foi reprovada pelas sentenças eclesiais. Deve-se saber que as duas coisas [*alma* e *espírito*] não se diferenciam segundo a essência, mas segundo a potência. Na nossa alma estão certas forças que são próprias para os atos dos órgãos corpóreos, como é o caso das potências da parte sensitiva. Outras forças não pertencem aos atos de tais órgãos corpóreos, pois são separadas deles, como é o caso das potências da parte intelectual. A essas últimas chamamos de espírito, que são como que imateriais e separadas de certo modo do corpo, na medida em que não pertencem aos atos do corpo, e que podem ser chamadas também de mente [*mens*]: “renovar-vos pela transformação espiritual da vossa mente” (Ef 4, 23). Quanto às primeiras, as que animam [o corpo], chama-se alma, pois tal é próprio a ela. E aqui [em 1Ts 5, 23] Paulo fala corretamente, pois para ocorrer um pecado três coisas colaboram entre si: a razão, a sensualidade e a execução do corpo.¹⁰

Nessa visão, o homem possui apenas corpo e alma, a qual pode ser vista sob dois aspectos nos termos paulinos de 1Ts 5,23, seja como forças que animam o corpo, utilizando-se então o termo *alma*, seja como forças imateriais, donde o termo *espírito*.

Em outras obras, Tomás de Aquino refuta a existência de uma multiplicidade de entidades para explicar aquilo que pode ser explicado com menos entidades, como se pode ler na Suma Teológica: “aquilo que se pode suficientemente fazer por meio de uma só coisa, melhor se for [por] meio de uma só do que por meio de várias”¹¹. Isso se reflete na sua visão antropológica,

⁸ JOÃO DAMASCENO. *A select library of Nicene and post-Nicene Fathers of the Christian Church*. Second Series. Volume IX. Nova Iorque: Charles Scribner's sons, 1908, p. 78. Tradução nossa.

⁹ Cf. THOMSETT, M. C. *Heresy in the Roman Catholic Church: A History*. Jefferson: McFarland, 2011, p. 20.

¹⁰ TOMÁS DE AQUINO. *Super I Epistolam B. Pauli ad Thessalonicenses lectura*. Disponível em: <<http://www.corpusthomisticum.org/c1t.html>>. Acesso em: 19 mai 2016. Cap. 5, l. 2. Tradução nossa.

¹¹ TOMÁS DE AQUINO. *Suma contra os Gentios*. Volume I. Tradução de D. Odilão Moura. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes, 1990, c. 42, n. 3.



pois Tomás de Aquino combate a coexistência de múltiplas almas no homem, isto é, de uma alma vegetal, outra animal e outra racional, mas haveria apenas uma só alma que possui as potências próprias das almas inferiores (vegetal e animal):

a alma humana possui certas forças ou potências que são princípios das operações que se exercem pelo corpo, e convém que essas forças sejam atos de certas partes do corpo, tais são as potências da parte vegetativa e sensitiva. Há também certas potências que são princípios das operações que se exercem sem o corpo, tais são as potências da parte intelectual.¹²

Tal visão se baseia também no pensamento aristotélico em que, para uma dada matéria, há apenas uma forma que lhe corresponde para formarem, juntas, uma substância corporal, como seria o caso do homem. Nesse sentido, Tomás de Aquino conclui que “se aceitamos que a alma está unida ao corpo como uma forma, é totalmente impossível que haja em um mesmo corpo várias almas essencialmente diferentes”¹³.

Apesar das abundantes precisões filosóficas típicas do estilo de Tomás, não é negligenciado o aspecto místico da vida humana, sobretudo na *Suma Teológica*, em que o estudo do homem se dá tendo em vista seu fim sobrenatural na bem-aventurança divina. Desse modo, mesmo ao estudar o homem segundo a sua natureza limitada, abre-se espaço para tentar entender como os dons do Espírito Santo agem na alma.¹⁴

3. HENRI DE LUBAC E A VISÃO TRIPARTIDA DO HOMEM

O teólogo francês Henri de Lubac (1896-1991), em seu livro *Théologie dans l'Histoire* [Teologia na História], trata do tema paulino de espírito, alma e corpo, ressaltando logo de início que esses três elementos não devem ser entendidos como sendo três substâncias no homem ou três faculdades.¹⁵ Para Henri, essa tripartição diz respeito a uma tríplice zona de atividade no homem, cujo significado merece ser aprofundado, não sendo de modo algum uma mera expressão da época do apóstolo Paulo, nem apenas algo de uso banal, como certos autores tentaram indicar.

Paulo não estaria falando em 1Ts 5,23 de três elementos bem distintos no homem, pois seu linguajar seria fluido demais para tal, mas haveria uma intenção particular ao citar três elementos (não dois, nem quatro) ao tratar do homem em sua totalidade (*όλοτελεις*), em sua integralidade (*όλόκληρον*).

Henri de Lubac critica certos autores por não tratarem com atenção o fato de Paulo não falar apenas de *alma*, mas de *alma e espírito*. Alguns autores teriam uma “fobia do platonismo”¹⁶ que vê no homem uma tricotomia em três princípios distintos no homem. Para eles, Paulo não

¹² TOMÁS DE AQUINO. *Compendium Theologiae*. Disponível em: <<http://www.corpusthomicum.org/ott101.html>>. Acesso em: 19 mai 2016. Livro I, cap. 92. Tradução nossa.

¹³ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I pars, q. 76, a. 3, corpus.

¹⁴ Cf. LUBAC, Henri de. *Théologie dans l'Histoire*. Tomo I. Paris: DDB, 1990, p. 157.

¹⁵ Cf. LUBAC, Henri de. *Théologie dans l'Histoire*. Tomo I. Paris: DDB, 1990, p. 115.

¹⁶ Ibidem, p. 118. Tradução nossa.



poderia de modo algum estar falando no sentido platônico dos termos, seria apenas um *hápax*, um caso único e excepcional, não uma aceitação da filosofia grega no pensamento de Paulo. Alguns chegaram até mesmo a traduzir a passagem por: “que toda vossa pessoa, [isto é] alma e corpo...”¹⁷ que faz desaparecer por completo a tripartição feita por Paulo. Todavia, Henri ressalta que a tripartição encontrada em Platão se encontra na alma dividida em: razão, irascível e concupiscível, o que a distingue daquilo que foi expresso por Paulo.

Para mostrar a importância da distinção entre *alma* (*psyche*) e *espírito* (*pneuma*) no pensamento de Paulo, Henri de Lubac faz outra referência a um texto que segue a visão paulina do homem em Hb 4,12: “[a Palavra de Deus] penetra até dividir alma e espírito”. Em 1Cor 2,14-15, Paulo fala também da superioridade do homem espiritual sobre o homem psíquico, que não compreende as coisas do Espírito de Deus, sendo, assim, limitado. O termo *pneuma* usado por Paulo não teria origem grega, mas sim semítica, referindo-se à imagem de Deus posta no homem, àquilo que faz o homem ser mais do que um simples ser vivo, composto de corpo e alma, sendo princípio de vida superior e lugar da comunicação do homem com Deus.¹⁸ Logo, a distinção não é uma mera banalidade linguística, mas serve para ressaltar a importância do *pneuma* no homem.

Outros autores recentes citados por de Lubac tentam explicar o *pneuma* paulino, mas suas explicações não chegam a um consenso. Tomando como exemplo o comentário feito por Michel Leturmy da *Bible de la Pléiade* [Bíblia da coleção La Pléiade], o termo *psyche* se refere à vida animal, enquanto que o termo *pneuma* se refere ao sopro divino citado em Gn 2, 7. Em outro sentido, Buzy diz que o termo *psyche* não se refere apenas à parte animal do homem, mas também à parte superior, só que sem a graça divina.

Diante dessas dificuldades, Henri conclui em uníssono com outro autor, M.-A. Chevalier, que o conceito de *pneuma* em Paulo é um conceito “que nossas antropologias modernas não podem de modo algum dar conta”¹⁹.

A importância do *pneuma* em Paulo teria servido de base constante para as doutrinas místicas e espirituais da tradição cristã. Há uma vida espiritual quando há uma relação com Deus e haveria “um ponto secreto no homem que é permanentemente o lugar dessa relação [...], o lugar da presença divina”²⁰.

No entender de Henri de Lubac, os filósofos e teólogos mais preocupados com a racionalidade do que com a mística tendem a reduzir a tricotomia a uma dicotomia no homem, enquanto que os espirituais preferem ressaltar a tricotomia. Para os espirituais, é a boa conduta moral que prepara o homem a receber as “visitas do Logos”²¹, a *alma* e a busca das virtudes deve ser ordenada ao *espírito* e à sua vida contemplativa.

¹⁷ Cf. *Ibidem*, p. 119.

¹⁸ Cf. *Ibidem*, p. 123.

¹⁹ *Ibidem*, p. 126. Tradução nossa.

²⁰ *Ibidem*, p. 179. Tradução nossa.

²¹ *Ibidem*, p. 180. Tradução nossa.



A *psyche* mencionada em 1Ts 5,23, para Henri de Lubac, é “bem mais do que apenas o princípio que anima o corpo”²², pois é a partir da orientação escolhida pela *alma* que o ser humano se tornará *carnal* ou *espiritual*.

Na conclusão da sessão que trata da antropologia tripartida, Henri enfatiza que deve ser evitado tanto o racionalismo que se fecha ao transcendente, em uma antropologia que recusa ao homem toda faculdade superior, sufocando assim o espírito, bem como um misticismo (ligado ao *pneuma*) que ignora a moral (ligado à *psyche*), pois ela é a etapa do caminho espiritual que precede a vida segundo o espírito. Para o homem perfeito, a *alma* não deve se esquecer do *espírito*, nem o *espírito* deve se esquecer da *alma* ou desprezá-la.

Enfim, Henri de Lubac destaca a importância de se manter a distinção entre a zona do psíquico (*alma*) e a zona espiritual (*espírito*) no homem, reconhecendo ocorrer, em sentido oposto, um vocabulário que confunde o espiritual com o psíquico em Teilhard de Chardin, na obra *O Fenômeno Humano*.²³ A antropologia paulina da primeira epístola aos Tessalonicenses seria, então, um chamado à alta vida espiritual e um aviso contra seus desvirtuamentos.

4. O MAGISTÉRIO DA IGREJA E O SENTIDO DE CORPO, ALMA E ESPÍRITO

O Magistério da Igreja se pronuncia usualmente quando ocorrem equívocos no modo de compreender a doutrina cristã. Nesse sentido, o IV Concílio de Constantinopla advertiu:

enquanto o Antigo e o Novo Testamento ensinam que o homem tem uma só alma racional e intelectual, e todos os Padres e mestres da Igreja, falando por Deus, sustentam esta mesma doutrina, alguns, entregues a imaginar o mal, chegaram a tal grau de impiedade que ensinam despudoradamente que ele tenha duas almas e [...]pretendem confirmar a própria heresia.²⁴

O Catecismo da Igreja Católica, por sua vez, fornece um resumo sintético da antropologia católica, das relações entre alma e corpo:

A pessoa humana, criada à imagem de Deus, é um ser ao mesmo tempo corporal e espiritual. A narrativa bíblica exprime esta realidade numa linguagem simbólica, quando afirma que “Deus formou o homem com o pó da terra, insuflou-lhe pelas narinas um sopro de vida, e o homem tornou-se num ser vivo” (Gn 2, 7). [...] Muitas vezes, a palavra alma designa, nas Sagradas Escrituras, a vida humana, ou a pessoa humana no seu todo. [...] A unidade da alma e do corpo é tão profunda que se deve considerar a alma como a “forma” do corpo; quer dizer, é graças à alma espiritual que o corpo, constituído de matéria, é um corpo humano e vivo. No homem, o espírito e a matéria não são duas naturezas unidas, mas a sua união forma uma única natureza.²⁵

Logo em seguida, o Catecismo trata da distinção feita por Paulo em 1Ts 5,23:

²² Ibidem, p. 185. Tradução nossa.

²³ Cf. Ibidem, p. 198.

²⁴ Denzinger-Hünemann, n. 657.

²⁵ Catecismo da Igreja Católica, n. 362-365.



Encontra-se às vezes uma distinção entre alma e espírito. São Paulo, por exemplo, ora para que “todo o nosso ser, o espírito, a alma e o corpo”, seja guardado sem mancha até à vinda do Senhor (1Ts 5,23). A Igreja ensina que esta distinção não introduz uma dualidade na alma, “Espírito” significa que o homem é ordenado, desde a sua criação, para o seu fim sobrenatural, e que a alma é capaz de ser gratuitamente sobre-elevada até à comunhão com Deus.²⁶

Portanto, no que concerne à natureza humana, continua em vigor o que já foi dito no Catecismo de São Pio X, no item 49, “que é o homem?”, em que se responde: “O homem é uma criatura racional, composta de alma e corpo”.

Em tempos mais recentes, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, fala-se também do homem sob a visão bipartida: “O homem, ser uno, composto de corpo e alma” (GS 14), afastando logo em seguida uma possível visão dualista gnóstica ao defender o valor do corpo: “[o homem] não pode, portanto, desprezar a vida corporal; deve, pelo contrário, considerar o seu corpo como bom e digno de respeito, pois foi criado por Deus e há de ressuscitar no último dia” (Ibidem).

CONCLUSÃO

Após terem sido feitas as devidas considerações, pode-se ver em que sentido se entende corretamente o homem como sendo tripartido ou bipartido, evitando os excessos possíveis de ambas as visões.

Do ponto de vista científico e filosófico, vê-se o predomínio no contexto católico de uma visão bipartida do homem como sendo composto de corpo e alma. Tal visão está em conformidade com os ensinamentos do Magistério antigo e recente, bem como com as Escrituras, como se pode ler em Mt 10,28, em que Cristo fala apenas de corpo e alma: “Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Temei antes aquele que pode destruir a alma e o corpo na geena”.

Do ponto de vista místico, sem o rigor científico que restringe a definição e o sentido de cada termo utilizado, permitindo uma abordagem mais poética, pode-se usar a visão tripartida do homem como um motivador a fazer o homem buscar algo além das suas limitações, isto é, a buscar a Deus que eleva sua natureza através da graça santificante, de modo que o homem deixa de ser apenas o que ele é por si mesmo para se tornar um homem perfeito, ou melhor dizendo, um homem segundo os projetos eternos de Deus. Nas palavras de Henri de Lubac: “perfeição moral e santidade, vida virtuosa e vida mística são distintas, elas estão hierarquizadas, mas ao mesmo tempo estão unidas na caridade”²⁷.

O tema é complexo e não deve ser considerado como esgotado, mas sim capaz de ser ainda muito aprofundado, contanto que se tenha em mente como interpretar a visão bipartida e tripartida do homem de modo coerente com textos aprovados pela Igreja para assim poder pro-

²⁶ Ibidem, n. 367.

²⁷ LUBAC, Henri de. *Théologie dans l'Histoire*. Tomo I. Paris: DDB, 1990, p. 161.



gredir nos estudos da antropologia e teologia sem temer repetir antigas teses já condenadas pelo Magistério, como a gnóstica e a apolinarista.

É exatamente essa a missão e o desafio do teólogo, progredir nos estudos ao mesmo tempo em que se mantém unido ao Magistério da Igreja, pois de outro modo apenas contribuirá para distorcer as Escrituras e prejudicar a comunhão eclesial²⁸, isolando-se numa teoria privada sem função eclesial²⁹, divergindo, em consequência, do próprio entender de Paulo, autor da expressão “corpo, alma e espírito”. Para se manter fiel aos dizeres de Paulo, isto é, para se manter fiel à Tradição Apostólica, é preciso, nos dizeres da Comissão Teológica Internacional, “o estudo da Sagrada Escritura, da liturgia e dos escritos dos Padres e Doutores da Igreja, além da atenção ao ensinamento do Magistério”³⁰. Desse modo, pode-se produzir um verdadeiro progresso no estudo do que Paulo realmente quis dizer com sua expressão, sem distorções ou erros.

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA: Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Teologia hoje: perspectivas, princípios e critérios*. 2012. Disponível em:

<http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_doc_20111129_teologia-oggi_po.html>. Acesso em: 19 mai 2016.

DENZINGER-HÜNERMANN. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2007.

IRINEU DE LIÃO. *Contra as Heresias*. Tradução de Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 1995.

JOÃO DAMASCENO. *A select library of Nicene and post-Nicene Fathers of the Christian Church*. Second Series. Volume IX. Nova Iorque: Charles Scribner's sons, 1908.

LONGMAN III, T.; ENNS, P. *Dictionary of the Old Testament: Wisdom, Poetry and Writings*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2008.

LUBAC, Henri de. *Théologie dans l'Histoire*. Tomo I. Paris: DDB, 1990.

SESBOUË, B. (org.); WOLINSKI, J. *Historia de los dogmas*. Tomo I (El Dios de la Salvación). Traduzido por Alfonso Ortiz García. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1995.

THOMSETT, M. C. *Heresy in the Roman Catholic Church: A History*. Jefferson: McFarland, 2011.

TOMÁS DE AQUINO. *Compendium Theologiae*. Disponível em:

<<http://www.corpusthomisticum.org/ott101.html>>. Acesso em: 19 mai 2016.

²⁸ Cf. COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Teologia hoje: perspectivas, princípios e critérios*. 2012. N. 14. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_doc_20111129_teologia-oggi_po.html>. Acesso em: 19 mai 2016.

²⁹ Cf. Ibidem, n.37.

³⁰ Cf. Ibidem, n.32.



Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 10, n. 17, jan/jun, 2016, p. 84-93

- TOMÁS DE AQUINO. *Suma contra os Gentios*. Volume I. Tradução de D. Odilão Moura. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes, 1990.
- TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- TOMÁS DE AQUINO. *Super I Epistolam B. Pauli ad Thessalonicenses lectura*. Disponível em: <<http://www.corpusthomicum.org/c1t.html>>. Acesso em: 19 mai 2016.
- VATICANO II – MENSAGENS, DISCURSOS, DOCUMENTOS. São Paulo: Paulinas, 1998.
- VINE, W. E. *Diccionario expositivo de palabras del Antiguo y Nuevo Testamento exhaustivo de Vine*. Traduzido por Guillermo Cook, S. Escuin e Editorial CLIE. Nashville: Grupo Nelson, 2007.